

Um garimpo

onde o Urso de Ouro não pisa

Em paralelo à sua competição oficial, a maratona cinéfila germânica consagra experiências em gêneros diversos, consolidando novas grifes autorais



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nestes momentos que antecedem o encerramento da 76ª Berlinale, a apagar suas luzes às 23h50 do domingo, John Turturro põe a capital alemã no bolso como o ladrão de casaca do thriller “The Only Living Pickpocket In New York”, uma promessa de bilheteria polpuda que foi buscar vitrine num evento famoso por celebrar ousadas narrativas. Buscou seu espaço fora da competição oficial pelo Urso de Ouro, assim como muita iguaria da boa fez. Experiências narrativas provocantes vieram de diferentes cantos do mundo para as mostras paralelas do Festival de Berlim, no bom gosto de sua programadora para pensar o futuro do audiovisual. A atual curadora, Tricia Tuttle, pegou o bonde berlinense no fim de 2024, egressa do BFI London Film Festival, arrumou a casa na edição de 2025, quando o Brasil foi premiado por “O Último Azul” e, agora, apresenta uma seleção com o seu perfil. Confira os achados que ela optou por salpicar entre as distintas seções de sua maratona cinéfila.

THE BLOOD COUNTESS (“Die Blutgräfin”), de **Ulrike Ottinger** (Áustria): Um trinômio do Capeta – o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquilagem exuberante de Tünde Kiss-Benke e um design de produção, assinado por Christina Schaffer, que remete para uma casa de bonecas – pavimentam o engenho simultaneamente excêntrico e belo deste terrível que inquieta sob o prisma político. Ao fim da I Guerra, F. W. Murnau filmou vampiros (no caso, o “Nosferatu” de 1922) a fim de alertar para um ovo de serpente que os povos germânicos chocavam. Agora, a octogenária diretora de “Joana D’Arc da Mongólia” (1989) apela para uma aristocrata vampira para alardear seu medo diante do avanço da extrema direita alemã. O resgate da condessa assassina Erzsébet Bá-



Feito Pipa Misqui publius, quitiliuro mandervit quide



No Salgas



Blood Countess

thory (1560-1614) é crucial para esta mistura de teatro cabaré com “A Hora do Espanto”, tendo Isabelle Huppert de caninos afiados e Lars Eidinger de psicanalista.

UN HIJO PRÓPRIO, de **Maite Alberdi** (Chile): Indicada um par de vezes ao Oscar de Melhor Documentário por “Agente Duplo” (2020) e “A Memória Infinita” (de

2023), a diretora chilena se põe além das fronteiras mexicanas para registrar o impacto de uma falsa gravidez na vida uma jovem que ambiciona ser mãe. Seus parentes... em especial

o namorado... são impactados pela invenção da jovem, abrindo portas para Maite debater um de seus temas essenciais: o sexismo. Acompanha-se de lados diferentes um projeto de maternidade que se frustra.

NO SALGAS, de **Victoria Linares Villegas** (República Dominicana): Um terror queer sobre uma jovem estudante, Liz (Cecile van Welie) que, após a morte da namorada, vai para uma casa de campo com amigas. No local, uma onda de paranoia vai gerar instabilidade e criar um clima de perigo perpétuo. Jaime Guerra assina a claustrofóbica fotografia.

NO GOOD MEN, de **Shahrbano Sadat** (Afeganistão): Tiraram sarro de Tricia Tuttle logo que o anúncio desta produção para o posto de abrelas da Berlinale foi divulgado, mas ela bateu bem e ficou no coração da plateia. Sua trama se passa em 2021, quando a protagonista, Naru (a própria cineasta), luta pela custódia do filho, de apenas três anos, Liam, que é fã de leões, sobretudo o “The Lion King” da Disney. Depois de deixar o marido infiel, ela se convenceu de que não existem homens bons no seu país. É pega de surpresa, em suas atuais convicções, quando o jornalista mais importante da Kabul TV, Qodrat (o ótimo Anwar Hashimi), oferece a ela uma oportunidade profissional de peso. À medida que os dois percorrem a cidade, a reportar os derradeiros dias de liberdade de uma região ferida, demarcada pelos Talibãs, Naru começa a questionar suas descrenças.

FEITO PIPA, de **Allan Deberton** (Brasil): Lázaro Ramos resgata, enfim, a plenária europeia, a mesma que o aplaudiu em “Madame Satã” (2002), agora num papel coadjuvante, que o ator baiano levanta com majestuosidade, sob a batuta do diretor de “Pacarrete” (2019). Gugu (Yuri Gomes), de 11 anos, é o personagem central, numa trama que dribla a homofobia e o terror do Alzheimer e faz gol na trave da inclusão. Na trilha para adolecer, bom de bola como poucos, Gugu cresceu sem mãe, sob a cumplicidade da avó (Teca Pereira, num quindim de atuação), que não tá nem aí para o fato de o guri se identificar com a